**ESPOROTRICOSE EM FELINO E INFLUÊNCIA DA IMUNIDADE: RELATO DE CASO**

José Victor Sousa de Morais1; Eduardo de Freitas Brito2**;** Adelia Alzira Almeida Martins3**;** Emmanuel Suedney dos Santos Dantas4**;** Janne Simone Idelfonso Sabino5; Fabrício Kleber de Lucena Carvalho6**.**

1 Discente do Centro Universitário de Patos, UNIFIP, Patos, PB. E-mail: josemorais@medvet.fiponline.edu.br;

2 Discente do Centro Universitário de Patos, UNIFIP, Patos, PB. E-mail: eduardobrito@medvet.fiponline.edu.br;

3 Médica Veterinária pela UNIFIP, Patos, PB. E-mail: adeliamartins@medvet.fiponline.edu.br;

4 Médico Veterinário pela UNIFIP, Patos, PB. E-mail: emmanueldantas@medvet.fiponline.edu.br;

5 Médica Veterinária pela UNIFIP, Patos, PB. E-mail: jannesabino@medvet.fiponline.edu.br;

6 Doutor e Docente do UNIFIP, Patos, PB. E-mail: fabriciocarvalho@fiponline.edu.br

**Resumo:** *Sporothrix schenckii*, conhecido como esporotricose, é uma micose subcutânea que afeta várias espécies de animais, incluindo felinos, e é considerada uma zoonose. A esporotricose é especialmente prevalente em climas úmidos e temperados, com a espécie *Sporothrix brasiliensis* sendo a mais comum no Brasil. Gatos machos, não castrados e com acesso à rua são os maiores transmissores da doença, exibindo feridas ulcerativas e alopecia em regiões frequentemente lesionadas durante brigas. Embora a imunossupressão em felinos fosse anteriormente considerada um fator significativo, estudos recentes indicam que o prognóstico está mais relacionado à imunidade do hospedeiro, tempo de diagnóstico e precisão do tratamento. O trabalho tem como objetivo relatar o caso de um felino macho, jovem e não castrado, resgatado e tratado no HVET-UNIFIP, que apresentava uma lesão ulcerada na região axilar. O diagnóstico foi confirmado através de citologia e cultura micológica, mostrando a presença de *Sporothrix schenckii*. O tratamento com Itraconazol por dois meses, associado a uma dieta adequada, resultou na completa regressão da lesão em aproximadamente um mês. Este caso destaca a importância de um diagnóstico rápido e tratamento correto para o prognóstico favorável da esporotricose. A educação dos tutores sobre cuidados preventivos é crucial para controlar a disseminação desta zoonose emergente.

**Palavras-chave:** Fungo; gato; imunidade; *Sporothrix schenckii*; zoonoses.

**Introdução:** *Sporothrix schenckii,* conhecido popularmente como esporotricose, é caracterizada por ser uma micose subcutânea úlcero gomosa, o fungo predomina em plantas, solos e locais úmidos, acomete todas as espécies de animais e é considerada uma zoonose. Encontrada em diversos países, a esporotricose possui seis espécies, sendo a *Sporothrix brasiliensis* a mais comum no Brasil, e o agente presente preferencialmente em região de clima úmido e temperado (CAVALCANTI *et al*., 2018; NASCIMENTO *et al*., 2019). Os gatos são os maiores transmissores da doença em comparação a outras espécies, isso se dá por alguns hábitos do animal como lambeduras para autolimpeza, arranhões para afiar as unhas e enterrar as excretas. A maioria dos casos são em felinos, machos, não castrados que possuem acesso a rua (ROSA *et al*., 2017). Os principais sinais clínicos apresentados são feridas ulcerativas com crostas e alopecia na região subcutânea em locais que mais são lesionados em brigas como região rostral, dorso e membros torácicos e pélvicos. Há um tempo, a enfermidade estava muito relacionada à baixa imunidade, a exemplo dos felinos com doenças imunossupressoras do tipo FIV e FeLV, porém, alguns estudos comparativos demonstram que a diferença entre pacientes com FIV e FeLV e pacientes sem a patogenia não diferia, onde o prognóstico estaria relacionado a imunidade do hospedeiro, tempo de diagnóstico e precisão do tratamento. Epidemiologicamente é uma infecção subaguda à crônica (JUNIOR e CORTEZI, 2023). O diagnóstico é baseado nos sinais clínicos, na citologia e na cultura micológica, apresentando aspecto de charuto (OROFINO-COSTA et al., 2017). Esse trabalho tem como objetivo relatar o caso de um felino, macho, não castrado, de vida livre que foi resgatado e tratado no HVET-UNIFIP.

**Relato de caso:**  Foi atendido no HVET-UNIFIP, um felino, macho, jovem, sem raça definida, não castrado com histórico de ser um animal de vida livre, apresentando uma lesão ulcerada entre o 4º e o 5º espaço intercostal direito, na região axilar. Foi realizado um exame citológico através da técnica de imprint, e foi coletado material para cultura micológica, sendo feita a coloração com panótico rápido, na avaliação laboratorial foi possível visualizar o fungo em forma de micélio, compatível com o fungo *Sporothrix schenckii*. Com o diagnóstico confirmado, o tratamento foi realizado com Itraconazol na dose 100 mg, um comprimido, SID, por via oral, durante dois meses, com a possibilidade de prolongar o tratamento caso fosse necessário. Como o animal era de rua, o mesmo ficou nas dependências HVET-UNIFIP, sendo acompanhado e alimentado diariamente. A alimentação estava sendo realizada exclusivamente de ração para gatos (comercial) e sachês (gran plus).

**Discussão:**  Com a realização do tratamento, ao qual foi feito com o fármaco de eleição, e a mudança na alimentação (essa foi crucial para melhora do paciente), a lesão da infecção regrediu totalmente em aproximadamente um mês, porém foi mantido o tratamento de dois meses, a literatura enfatiza a importância de passar mais um mês de tratamento com itraconazol mesmo após regressão (CAVALCANTE, 2018; JUNIOR e CORTEZI, 2023; MACÊDO-SALES *et al.*, 2018). A técnica de diagnóstico e rapidez do resultado foi padrão ouro e contribuiu para que fosse identificado e tratado de imediato, visto que no Brasil, em especial, a esporotricose é uma doença de caráter emergente, é uma zoonose preocupante, sendo necessário orientar os tutores sobre os cuidados necessários para que seja controlada de forma correta (ROSA *et al*., 2017). Pode-se considerar que a imunidade do animal está relativamente ligada a cura dessa doença, a baixa imunidade pode causar uma evolução da lesão cutânea localizada, tendo em vista que se trata de uma doença oportunista, a mudança da dieta e a realização do tratamento farmacológico em pouco intervalo de tempo quando comparada a literatura que preconiza no mínimo de três meses de tratamento à base de itraconazol, podendo se estender por até 23 meses, segundo alguns trabalhos foi essencial (LARSSON, 2011; MACÊDO-SALES *et al.*, 2018).

**Conclusão**: A esporotricose é um problema emergente, o diagnóstico é rápido, seguido de um tratamento correto ajuda com que o animal tenha um prognóstico favorável. O relato demonstra que o tratamento ideal associado a uma boa alimentação auxilia para que o paciente melhore, não fique imunossuprimido e tenha uma regressão da doença de maneira mais rápida, impedindo assim, possíveis efeitos colaterais e disseminação da doença, visto ser uma zoonose de preocupação mundial.

**Referências Bibliográficas:**

CAVALCANTI, E. A. N. L. D. *et al*. Esporotricose: revisão. **Pubvet**, v. 12, p. 133, 2018. Disponível em: https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/979. Acesso em: 17 jul. 2024.

JUNIOR, M. A. G.; CORTEZI, A. M. ESPOROTRICOSE EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA. **Revista Científica Unilago**, v. 1, n. 1, 2023. Disponível em: https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/1010. Acesso em: 17 jul. 2024.

LARSSON, C. E. Esporotricose. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/bjvras/article/view/34389. Acesso em: 17 jul. 2024.

MACÊDO-SALES, P. A. et al. Domestic feline contribution in the transmission of Sporothrix in Rio de Janeiro State, Brazil: a comparison between infected and non-infected populations. **BMC veterinary research**, v. 14, p. 1-10, 2018.Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1186/s12917-018-1340-4. Acesso em: 17 jul. 2024.

NASCIMENTO, J. M. V. *et al*. **Estudo de intervenção em educação em saúde: uma estratégia para a redução do abandono de tratamento na esporotricose felina**. 2019. Tese de Doutorado. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/48573. Acesso em: 19 jul. 2024.

OROFINO-COSTA, R. *et al*. Esporotricose: atualização em epidemiologia, etiopatogenia, terapêutica laboratorial e clínica. **Anais brasileiros de dermatologia** , v. 92, n. 5, p. 606-620, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/abd/a/Zy7q7L4bHR74GgxVCHkjtZC/?lang=en. Acesso em: 19 jul. 2024.

ROSA, C. S. *et al*. Terapêutica da esporotricose: revisão. **Science and animal health**. v. 5, n. 3, p. 212-228, 2017.Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/veterinaria/article/view/11337/8355. Acesso em: 19 jul. 2024.

SANTOS, A. F. **Esporotricose felina: distribuição das lesões e caracterização anatomopatológica utilizando diversos métodos de diagnóstico**. 2020. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/vtt-222361. Acesso em: 17 jul. 2024.